

André Barbosa Filho

GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Os formatos e os programas em áudio



CLASSIFICAÇÃO DOS GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Este é momento em que propomos uma classificação dos gêneros radiofônicos. Tomamos como suporte a definição funcional de Lasswell e Wright, utilizada por Marques de Melo na classificação de gêneros jornalísticos.

Os gêneros radiofônicos estão relacionados em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência. O nosso livro-escuta avança para mais uma frequência em direção às particularidades e aos meandros da prática radiofônica, de seu objeto diante de sua audiência, conforme segue.

Gênero jornalístico

É o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar opiniões particulares sobre os acontecimentos.

O gênero jornalístico apresenta-se, no rádio, por meio de diversos formatos, tais como:

[...] trata de dar uma visão completa dos acontecimentos no desenvolvimento de uma determinada notícia não somente quanto a seus dados estritos — presentes e passados — e sim buscando o porquê dos mesmos [...].⁵

Boletim

Pequeno programa informativo com no máximo cinco minutos de duração, que é distribuído ao longo da programação e constituído por notas e notícias e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens.

A veiculação de *boletins* quase sempre acontece nas chamadas “horas cheias” ou “cabeças de horário”, por exemplo, às 17 horas, às 18 horas, às 19 horas etc.

Reportagem

Considerada uma narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis do acontecimento, a reportagem consegue ampliar o caráter minimalista do jornalismo e oportunizar aos ouvintes, leitores, telespectadores ou internautas uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado.

A reportagem, segundo Marques de Melo, “[...] é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística [...]”.⁶

A esse respeito, Belau diz que: “[...] a reportagem está ligada à atualidade [...] narra os fatos enquanto estão acontecendo [...]”.⁷

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ MARQUES DE MELO. *Gêneros jornalísticos...*, cit., p. 49.

⁷ FAUS BELAU, *op. cit.*, p. 265.

Emílio Prado classifica a reportagem como: “[...] um agrupamento de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema [...]”;⁸ e propõe uma tipologia da reportagem radiofônica:

[...] a reportagem simultânea se realiza ao vivo e a criação é executada paralelamente ao desenrolar da ação reportada. O eixo criativo é dado pela própria ação que faz de fio condutor da narração [...] a reportagem diferida permite a montagem. Portanto a seleção das representações fragmentadas da realidade se faz após o conhecimento da ação, uma vez que está sendo concluída.⁹

Porchat define a reportagem como: “[...] conjunto de providências necessárias à elaboração de uma matéria. Engloba pesquisa, entrevista e seleção de dados relacionados à mensagem a ser veiculada [...]”.¹⁰

Entrevista

Representa uma das principais fontes de coleta de informação de um jornal e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas. É vista, por muitos, como uma arte que precisa de técnicas adequadas no processo de apuração e investigação. A entrevista radiofônica, segundo Walter Sampaio:

[...] é acontecimento jornalístico eventual e normalmente se apresenta inserida no corpo da notícia. A não ser em episódios circunstanciais, como desastres, incêndios,

⁸ PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo, Summus, 1985. p. 85.

⁹ PRADO, op. cit., pp. 86-90.

¹⁰ PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de radiojornalismo da Jovem Pan*. São Paulo, Ática, 1989. p. 196.

manifestações, onde o repórter parte em busca de informações suplementares daquele acontecimento e ali tenta apurá-las, em “som ambiental”, a entrevista geralmente é “montada” na seqüência de uma narrativa fundamentalmente noticiosa [...].¹¹

Emílio Prado atribui importância à entrevista, ressaltando a facilidade de adaptação deste formato jornalístico no rádio e assinalando as suas características específicas. A concepção de entrevista para este autor nos é bastante elucidativa:

[...] a entrevista é formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação — natural na comunicação humana em nível oral — exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar [...].¹²

O autor — além da diferenciação semelhante da que faz para a reportagem, classificando a entrevista como “direta”, realizada “ao vivo”, e a reportagem como “diferida”, “montada” antes da veiculação — apresenta uma outra tipologia na qual o formato pode ser observado mediante duas vertentes principais: a “entrevista de caráter” — tem como eixo a personalidade do entrevistado — e a “entrevista noticiosa” — tem como eixo a informação.¹³

¹¹ SAMPAIO, Walter. *Jornalismo audiovisual: rádio, TV e cinema*. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 67.

¹² PRADO, op. cit., p. 47.

¹³ Idem, *ibidem*, pp. 59-62.

Entre as entrevistas noticiosas, Prado destaca as de “informação estrita” — as mais verificadas no rádio, visto que garantem agilidade à programação em virtude da brevidade — e as de “informação em profundidade” — que oferecem ao ouvinte informações adicionais ao fato, com o objetivo de provocar a reflexão. As peças da informação em profundidade possuem, obviamente, maior duração.¹⁴

Marques de Melo afirma que: “[...] entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade [...]”.¹⁵

Porchat sintetiza o conceito de entrevista como: “[...] diálogo entre repórter e fonte, sob a forma de perguntas e respostas, para obter informações [...]”.¹⁶

Belau considera a entrevista como uma modalidade da reportagem ao apresentar características semelhantes quanto ao estilo — flexível — e à adaptabilidade ao rádio, além da forte empatia desses formatos com o público.¹⁷

Comentário

O comentário aparece no segmento jornalístico das programações radiofônicas como uma peça importante, por criar ritmo e ampliar o cenário sonoro do receptor, visto que propicia a presença, por meio do comentarista,

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 62.

¹⁵ MARQUES DE MELO. *Gêneros jornalísticos...*, cit., p. 58.

¹⁶ PORCHAT, *op. cit.*, p. 175.

¹⁷ BELAU, *op. cit.*, p. 284.

de mais uma voz que se acrescenta às já existentes na transmissão.

A principal função do comentário reside, apropriadamente, no seu conteúdo opinativo, que sugere conhecimento especializado. Na verdade, trata-se de um formato jornalístico radiofônico que se aproxima do editorial. A diferença entre aquele (comentário) e este (editorial) é que o primeiro corresponde à opinião do autor, e o segundo à da instituição, do veículo. Pode aparecer como peça independente da programação, geralmente *apresentada* pelo autor, ou *narrada* por um locutor, acompanhado da menção explícita de sua autoria ou ainda dentro de formatos genéricos como o esportivo, o policial e o radiojornal. O comentário, nesses formatos, não deve ser veiculado como notícia, mas após a informação, na voz do comentarista.

O tempo de duração deste formato não deveria chegar a mais de três minutos; porém, é usual comentários mais longos no rádio brasileiro, correndo-se aí o risco evidente de dispersar a atenção do público com conseqüente prejuízo na recepção da mensagem. Isto é observado sempre que produzimos uma informação sonora linear, sem a quebra necessária mediante outras informações sonoras distintas e subseqüentes como vinhetas, efeitos, a palavra e o silêncio.

Marques de Melo, ao definir o comentário, afirma que: “[...] pressupõe autoria definida e explicitada, pois este é o indicador que orienta a sintonização do receptor [...]”.¹⁸

¹⁸ MARQUES DE MELO. *Gêneros jornalísticos...*, cit., p. 49.

O autor ainda afirma que:

na verdade, o comentário tem sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano [...] vem junto com a própria notícia. Por isso é difícil de ser realizado, exigindo muita argúcia no sentido de evitar prognósticos não confirmáveis [...].¹⁹

Kaplun acrescenta que o comentário indica uma análise e uma opinião sobre determinado acontecimento, mas:

[...] procura não somente informar, como também orientar o ouvinte, influir sobre ele e incliná-lo em favor de uma determinada interpretação do fato, considerada justa e correta. O comentário aprova ou condena, aplaude ou censura [...].²⁰

Editorial

Esta peça jornalística pouco utilizada no rádio tem como característica principal o anúncio de opinião não-personalizada e retrata o ponto de vista da instituição radiofônica.

Porchat assim define o editorial: “[...] texto opinativo, escrito de maneira impessoal, sem identificação do redator, sobre assunto nacional ou internacional, que define e expressa a opinião da Jovem Pan [...]”.²¹

Marques de Melo, na mesma direção de Porchat, diz que o editorial: “[...] não tem autoria, divulgando-se

¹⁹ Idem, ibidem, p. 87.

²⁰ KAPLUN, op. cit., p. 135.

²¹ PORCHAT, op. cit., p. 174.

como espaço de divulgação institucional [...]”. O autor conclui com a seguinte assertiva:

[...] e não se trata de uma atitude voltada para perceber as reivindicações da coletividade e expressá-las a quem de direito. Significa muito mais um trabalho de “coação” ao Estado para a defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam [...].²²

Crônica

Este formato surge no rádio acompanhando as características conhecidas no jornalismo impresso, quais sejam, a relação direta com a atualidade e ligação com uma circunstância favorável. A crônica é considerada o formato que transita nas fronteiras do jornalismo e da literatura. Muito presente nos jornais brasileiros antes da implementação da forma minimalista de contar histórias, o *lead*, a crônica definiu os perfis de vários periódicos no final do século XIX e início do XX.

Algumas diferenças e semelhanças poderão ser destacadas: a literatura e o romance estão calcados numa vocação enciclopédica, “vista como método para conhecer as relações entre homens, coisas e fatos do mundo, a partir da linguagem literária”,²³ ao passo que o jornalismo preza pela agilidade, pela condensação dos fatos — característica possível a partir da década de 1950. É nessa fase que o jornalismo brasileiro se moderniza, de tal sorte que vai abdicando de textos longos, cheios de ornamentos e rodeios. Lins da Silva lembra, no entanto, que:

²² MARQUES DE MELO. *Gêneros jornalísticos...*, cit., pp. 79-84.

²³ LEMOS, Cláudia. *A crônica como contraponto à objetividade no jornalismo brasileiro da virada do século*. Belo Horizonte, 2001. p. 3. Mimeografado.

O que existiu, na verdade, foi um descompasso entre o discurso assumido pelos profissionais de jornalismo e sua prática, que manteve um partidarismo ostensivo na cobertura e um texto “rebuscado, impreciso, incorreto, incoerente, desarticulado, sem substância, parcial, na maior parte das vezes, em qualquer jornal que se leia com atenção”.²⁴

Uma vez que o jornalismo é um dos principais contadores de história da atualidade, Lemos questiona como ele consegue responder à angústia do homem contemporâneo ávido por informações, por conhecer o mundo? Nesse sentido, o jornalismo se assemelha à literatura porque pretende “esgotar o mundo, dar conta dele todo”.²⁵ A diferença básica entre estas duas categorias estaria na objetividade (característica do jornalismo) e na relação entre multiplicidade e totalidade que uma e outra estabelecem. É com e pela crônica que o jornalismo se livra das amarras do texto enxuto, conciso, da seqüência particular para o geral.

Marques de Melo ensina que a crônica: “[...] estrutura-se de modo temporalmente mais defasado; vincula-se diretamente aos fatos que estão acontecendo, mas segue-lhe o rastro, ou melhor, não coincide com seu momento eclosivo [...]”.²⁶

No que diz respeito ao universo radiofônico, ele assegura que “a crônica radiofônica, ainda cultivada nas pequenas emissoras das cidades do interior, permanece cingida à estrutura da crônica para o jornal: trata-se de um texto escrito para ser lido, cuja emissão

²⁴ Citado por LEMOS, p. 7.

²⁵ Idem, ibidem, p. 3.

²⁶ MARQUES DE MELO. *Gêneros jornalísticos...*, cit., p. 49.

combina a entonação do locutor e os recursos de sonoplastia, criando ambientação especial para sensibilizar o ouvinte".²⁷

Radiojornal

Formato que congrega e produz outros formatos jornalísticos, como as notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas. O radiojornal é constituído por diversas seções ou editorias, como as de notícias nacionais, internacionais, econômicas, de cultura e artes, de serviço, de política, de esportes etc. Caracteriza-se pela periodicidade diária, mantendo a regularidade nos horários de início e término de suas transmissões, garantindo, assim, a credibilidade necessária do público no que diz respeito aos conteúdos transmitidos.

Ortriwano prefere designar o formato radiojornal apenas como jornal, pois para ela:

[...] é o tradicional "jornal-falado" das emissoras, que tem por função cobrir o último período informativo entre uma emissão da espécie e outra. Apresenta assuntos de todos os campos de atividade, estruturados em "editorias" [...] sua duração varia de quinze minutos a uma hora, havendo, hoje em dia, jornais com até duas horas e meia de duração [...].²⁸

Kaplun, que denomina o formato de *radioperiódico*, comenta sobre a participação por tema de diversos profissionais especializados no radiojornalismo que colaboram

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 118.

²⁸ ORTRIWANO, *op. cit.*, p. 93.

na elaboração dos textos noticiosos e, em alguns casos, responsabilizam-se pela apresentação.²⁹

Belau prefere denominar o radiojornal de *programa de notícias* e destaca a importância dos editores deste tipo de programa jornalístico quanto ao conhecimento dos critérios de sua elaboração, tais como:

- 1) a cabeça do programa;
- 2) os resumos, em caso de existirem;
- 3) a classificação dos blocos noticiosos;
- 4) o tipo de elementos utilizados para dividir os blocos;
- 5) os recursos para atrair a atenção do ouvinte;
- 6) a utilização de fundos musicais;
- 7) a resolução do programa.³⁰

Quanto à distribuição dos blocos e a seqüência em que eles estão dispostos dentro do radiojornal, ensina Sampaio:

[...] os programas de maior duração, então, devem seguir rigorosamente a pirâmide invertida — ordem decrescente de importância e pelas diversas procedências em bloco, ou seja, notícias locais, nacionais e internacionais —, isto é, abrirem-se, geralmente, com manchetes, passando aos destaques, depois uma nota comentada ou apenas pormenorizada, sobre o principal acontecimento do dia. Finalmente vem a torrente de notícias dos diversos blocos de procedência [...].³¹

²⁹ KAPLUN, op. cit., pp. 138-139.

³⁰ BELAU, op. cit., pp. 236-237.

³¹ SAMPAIO, op. cit., p. 53.

Documentário jornalístico

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem — edição final do material produzido em áudio — com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às “cabeças” — introdução aos temas enfocados — e a algumas matérias temporais “ao vivo”. Kaplun compara este formato com a reportagem cinematográfica — a “película documental” — por sua função informativa:

[...] é uma monografia radiofônica sobre um tema dado. Uma breve exposição, sem sua completa apresentação. Pode durar meia hora ou pelo menos quinze a vinte minutos [...].³²

O mesmo autor afirma que em países da Ásia e da África, com reconhecidos e precários índices de desenvolvimento, a utilização do formato jornalístico reportagem, ao lado de países europeus e dos Estados Unidos, é constante. O aproveitamento pífio deste formato na América Latina tem suas raízes na retração de seu uso na região.³³

Ortriwano define o formato como *informativo especial* e comenta:

³² KAPLUN, op. cit., p. 142.

³³ Idem, *ibidem*.

[...] a rigor, sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica. Mas o programa especial pode também ser apresentado com periodicidade fixa, escolhendo-se fatos importantes para serem analisados em cada uma de suas edições [...].³⁴

Mesas-redondas ou debates

São espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam idéias diferenciadas entre si. Normalmente, são mediados por um apresentador que impõe as regras previamente aceitas pelos participantes, tendo em vista delimitar o tempo de fala de cada um, organizar as perguntas e a seqüência das respostas.

Suas apresentações devem ser “ao vivo” ou ter a aparência de “ao vivo”, mesmo que gravadas anteriormente à emissão. Os cortes, exceto aqueles referentes aos blocos comerciais ou de chamadas, *artificializam* a discussão e suscitam, conseqüentemente, perda de credibilidade do veículo junto ao público. O debate pressupõe a presença de defensores de idéias que possam expor valores sem a presença, *no ar*, de assessores, especialistas e comentaristas. O debatedor está sozinho para defender seus princípios. A *mesa-redonda* é composta por especialistas que, tendo ou não valores comuns, procuram esclarecer e elucidar o público sobre um ou mais temas abordados.

Kaplun considera o debate ou “discussão” como uma variação da mesa-redonda, porém ressalta que

³⁴ ORTRIWANO, op. cit., pp. 93-94.

este possui algumas particularidades se comparado às mesas-redondas propriamente ditas.³⁵

Para Belau:

[...] suas características e realização são as mesmas que as da entrevista, com a única exceção de necessitar de um “moderador”, apresentador ou líder, da roda de opiniões, para conseguir uma atuação interessante e uma igualdade de participação dos distintos entrevistados [...].³⁶

Prado considera o debate radiofônico como:

[...] a forma mais viva da polêmica. Nele se produz um enfrentamento aberto de duas posturas opostas. Do debate devem surgir os dados necessários para justificar cada postura e, em conseqüência, para esclarecer o tema polêmico. Do resultado do debate surgirá o posicionamento do público ao lado de uma postura ou de outra. Este posicionamento nem sempre é definido ou definitivo [...].³⁷

No que se refere ao conceito de mesa-redonda, esse autor considera que:

[...] a fórmula mais completa, dinâmica, ágil e atraente de polemizar no rádio é a mesa-redonda. Nela participam representantes de diversos pontos de vista sobre o tema a ser debatido. Os pontos de vista expostos podem ser contrapostos ou complementares [...].³⁸

Programa policial

Tem como objetivo cobrir os acontecimentos e fatos policiais, por meio de reportagens, entrevistas,

³⁵ KAPLUN, op. cit., p. 141.

³⁶ BELAU, op. cit., p. 291.

³⁷ PRADO, op. cit., pp. 93-94.

³⁸ Idem, ibidem, pp. 91-93.

comentários e notícias, e é apresentado de modo independente ou vinculado aos radiojornais.

O programa policial é geralmente comandado por jornalistas especialistas no tema e pode ser veiculado “ao vivo”, dentro dos noticiários, ou gravado em transmissões especiais ou periódicas, com formato específico. Neste caso, o apresentador pode fazer as vezes do animador, com uma narrativa simbólica, utilizando efeitos sonoros e trilhas musicais que realçam o discurso e propiciam um ambiente de emoção e expectativa.

Lopes assegura que:

[...] as informações policiais são normalmente transmitidas pelas emissoras não-populares em forma de seções inseridas nos noticiários e recebem um tratamento jornalístico através de um repórter policial. Fatos como assaltos, roubos e crimes são agrupados numa seção.³⁹

No que tange às rádios populares, Lopes lembra que:

[...] já nas rádios de programação popular, o fato policial aparece com mais destaque e é o objeto de uma abordagem diferente [...] sua estrutura baseia-se na dramatização do *fait divers*⁴⁰ (crimes, roubos, assaltos etc.) feita

³⁹ LOPES, op. cit., pp. 124-125.

⁴⁰ Para Roland Barthes, o *fait divers*, “numa só palavra, é uma informação monstruosa, análoga a todos os fins excepcionais ou insignificantes, em suma, inomináveis, que se classificam em geral pudicamente [...] o *fait divers* é uma informação total, ou mais exatamente, imanente; ele contém em si todo o seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio; evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinios, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete ao homem, a sua história, a sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos [...]”. Cf. BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1999. pp. 58-59.

pelos próprios comunicadores que narram o fato, criando um clima de suspense crescente e de envolvimento emocional ao estilo da radionovela. O fundo musical é parte importante para a construção desse clima e até a segmentação da narrativa por blocos publicitários contribui para aumentar a tensão da história [...].⁴¹

Programa esportivo

Tem como finalidade a divulgação, cobertura e análise dos eventos esportivos. É veiculado no formato de notícias, comentários, reportagens, entrevistas, mesas-redondas, em radiojornais ou em programas específicos de caráter permanente, conhecidos como *radiojornais esportivos*, ou por meio das transmissões esportivas — verdadeiras programações compostas por programas de “esquentamento” da transmissão em si, de um evento esportivo e de um programa de encerramento.

Nascido no rádio antes mesmo que o próprio rádio de notícias, o rádio esportivo, segundo Soares:

[...] tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. Com linguagem diferenciada, os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformam a narração em grandes espetáculos que chegam a superar a realidade [...].⁴²

Wilby e Conroy, tendo como cenário o rádio britânico, apontam quatro tipos de programas esportivos:

⁴¹ LOPES, op. cit., p. 125.

⁴² SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo, Summus, 1994. p. 13.

- 1) os boletins esportivos;
- 2) os programas de estúdio;
- 3) as coberturas esportivas;
- 4) placar esportivo.⁴³

Esta classificação serve, afortunadamente, para o panorama da programação radiofônica esportiva brasileira.

Os boletins esportivos, assim como os boletins gerais, aparecem no decorrer das programações artísticas ou jornalísticas das emissoras e possuem duração de no máximo cinco minutos por inserção. São configurados por notícias, reportagens curtas, entrevistas e comentários de todos os esportes.

Os programas de estúdio, com periodicidade e duração fixas — quinze minutos ou até uma hora de transmissão —, apresentam as mesmas características do radiojornal e, em virtude dessa correlação, são conhecidos como “radiojornal de esportes”.

As coberturas esportivas, uma das mais importantes manifestações do rádio contemporâneo brasileiro, têm no futebol sua maior atração.

A transmissão do evento esportivo é, por si só, um fenômeno radiofônico o qual no Brasil tem conotações que transcendem o fazer jornalístico, pois, com seus jargões e chavões típicos e quase sempre originais, o locutor esportivo não apenas retrata fielmente o desenrolar da partida de futebol, mas dá contornos poéticos à sua descrição. Essa *performance* é confir-

⁴³ WILBY, Pete & CONROY, Andy. *The radio handbook*. London, Rotledge, 1994. pp. 198-203.

Divulgação tecnocientífica

Este formato tem a função de divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população.

Pode ser produzido como programas radiofônicos com duração e periodicidade fixas, ou, ainda, como boletins.

A grande preocupação reside na estrutura e densidade do texto científico, que deve apresentar uma leitura simples, direta e de entendimento satisfatório, tendo em vista a média de escolaridade do público que ouve os programas de rádio.

O uso de ferramentas de linguagem radiofônica, a exemplo da sonoplastia, a participação de radioatores e as trilhas musicais são fundamentais para tornar o discurso científico acessível e palatável.

Gênero educativo-cultural

O gênero educativo-cultural é uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos. No Brasil é quase totalmente encoberto no cenário de possibilidades do rádio nacional. A comercialização e conseqüente banalização dos conteúdos dos programas radiofônicos da atualidade não propiciam a criação de projetos que visem instruir e educar por meio do veículo de massa mais popular e de maior penetração na sociedade brasileira.

Restrito a algumas emissões das programações educativas, o gênero educativo-cultural, se devidamente utilizado, poderá ser de grande valia na conquista